



O ANIMAL COMO RECURSO TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

THE ANIMAL AS A THERAPEUTIC RESOURCE IN THE TREATMENT OF CHILDREN WITH AUTISM

Amanda dos Santos Baylão¹, Monique Zerlin Almeida¹, Shaday Prudenciatti²

¹ Discente de Psicologia das Faculdades Integradas de Jaú

² Docente das Faculdades Integradas de Jaú

Autor correspondente: Amanda dos Santos Baylão, amandadbaylao@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se caracteriza por déficits persistentes na comunicação verbal e não verbal, interação social, padrões restritivos e repetitivos de comportamento. A Terapia Assistida por Animais (TAA) vem se destacando como tratamento auxiliar, uma vez que tem como objetivo o desenvolvimento pedagógico, psicológico e social por meio da inserção do animal na terapia. **Objetivo:** O presente trabalho teve como objetivo identificar as contribuições da terapia realizada com animais como recurso terapêutico no tratamento de crianças com autismo, bem como o prognóstico do desenvolvimento a partir do contato com os animais, esclarecendo os principais aspectos do espectro autista e esclarecendo as habilidades de interação social e comportamento afetivo que as crianças autistas desenvolvem a partir desse contato. **Método:** A metodologia utilizada para obter informações sobre o assunto foi a revisão bibliográfica integrativa, utilizando descritores como: autismo, TEA e Terapia Assistida por Animais, Autismo e animais e TAA em um recorte temporal entre 2011 e 2021. **Resultados:** Estudos apontaram que as crianças após a exposição a TAA ficam mais atentas ao seu meio e sorridentes, evidenciando importantes respostas emocionais, que favorecem o desenvolvimento afetivo. O animal, associado à prática da TAA pode auxiliar na diminuição da ansiedade, sintomas de depressão e isolamento. **Conclusão:** Conclui-se que a Terapia Assistida por Animais acarreta benefícios para crianças com TEA, evidenciando maior desenvolvimento em relações afetivas familiares, maior vínculo terapêutico, concentração, socialização e autoestima.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Terapia Assistida por Animais; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by persistent deficits in verbal and non-verbal communication, social interaction, restrictive and repetitive patterns of behavior. Animal-Assisted Therapy (AAT) has been highlighted as an auxiliary treatment, since it aims at pedagogical, psychological and social development through the insertion of the animal in therapy. **Objective:** The present work aims to identify the contributions of therapy performed with animals as a therapeutic resource in the treatment of children with autism, as well as the prognosis of development based on contact with animals, highlighting the main aspects of the autistic spectrum and clarifying the abilities of social interaction and affective behavior that autistic children develop from this contact. **Method:** The methodology used to obtain information on the subject was an integrative bibliographic review, using descriptors such as: autism, ASD and Animal Assisted

Therapy, Autism and animals and AAT in time frame between 2011 and 2021. **Results:** Studies have shown that children, after exposure to AAT, become more attentive to their surroundings and smile, showing important emotional responses that favor affective development. The animal, associated with the practice of AAT, can help reduce anxiety, symptoms of depression and isolation. **Conclusion:** We conclude that Animal Assisted Therapy entails benefits for children with ASD, showing greater development in affective family relationships, greater therapeutic bond, concentration, socialization and self-esteem.

KEYWORDS: Autism; Animal Assisted Therapy; Autism Spectrum Disorder.

INTRODUÇÃO

O autismo, conhecido, de forma técnica como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição de saúde, caracterizada por alterações na comunicação verbal e não verbal e interação social, em múltiplos contextos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento. Os sintomas, geralmente, aparecem no período do desenvolvimento, causando prejuízos significativos no funcionamento social (APA, 2014). Leo Kanner, médico austríaco, foi o primeiro a definir o Transtorno do Espectro Autista como um quadro clínico em 1943 (DOS SANTOS GOMES *et al.*, 2020).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) refere-se a um espectro de sintomas, caracterizados por prejuízos no domínio da comunicação social, interesses restritos e comportamentos repetitivos. Tal diagnóstico pode variar em graus de acordo com os sintomas clínicos apresentados, bem como a severidade dos mesmos, o que leva a necessidade de apoio (APA, 2014).

Os critérios diagnósticos do TEA incluem: déficits persistentes na comunicação e interação social em diferentes contextos, como os ambientes sociais e acadêmicos (DESSEN; ARANHA, 1994); padrões restritos e repetitivos de comportamento, como por exemplo, movimentos repetidos com as mãos e objetos (DA SILVA, 2020). Os sintomas devem estar presentes no período de desenvolvimento, se manifestando frente a demandas sociais como a interação social com outras pessoas, restrição de interesses e atividades (APA, 2014).

Observa-se um aumento de diagnósticos de autismo que têm se associado a mudanças e entendimento científico dos critérios diagnósticos, assim como ampliação da consciência social e a acessibilidade aos tratamentos (DE CASTRO VIEIRA, 2020). De acordo com o Centro de Controle de Doenças e Prevenções, a prevalência do autismo é de um em sessenta e oito (1/68) crianças em idade escolar (DE CASTRO VIEIRA, 2020).

Estudos sobre fatores específicos relacionados à causa do TEA ainda são incipientes, no entanto, sabe-se que a sua etiologia é frequentemente associada a um padrão de herança multifatorial, na intersecção de fatores genéticos e ambientais. Os fatores genéticos incluem a hereditariedade, em uma variação de 37% a 90%, com base em taxas de concordância entre gêmeos e recorrência familiar. Dentre as causas ambientais têm sido levantados fatores como idade paterna avançada, baixo peso ao nascer ou exposição fetal a ácido valproico (APA, 2014; LAVOR *et al.*, 2021). O estudo de prevalência do transtorno indica a frequência quatro vezes maior do diagnóstico no sexo masculino. Entretanto, segundo amostras clínicas, o sexo feminino possui maior facilidade para apresentar deficiência intelectual concomitante, ou seja, sugere que as meninas sem comprometimento intelectual concomitante ou atrasos da linguagem podem não ter o transtorno identificado, sendo resultado de sintomas leves relacionados às dificuldades sociais e de comunicação (COSTA; NUNESMAIA, 1998; APA, 2014). Além dos déficits supracitados, são identificados impactos motores nas habilidades motoras grossas e finas de crianças com TEA, que apresentam diferenças quando comparadas às crianças típicas, podendo apresentar progressão conforme a idade (CATELLI; D'ANTINO; BLASCOVI-ASSIS, 2016).

O diagnóstico, a partir de uma avaliação multidisciplinar, ocupa um lugar central na construção de uma intervenção guiada, além do prognóstico, direcionando para métodos específicos de tratamento, que possibilitem uma qualidade de vida significativa, frente as reais necessidades do sujeito com TEA (PEIXOTO; DOS SANTOS; BALERO, 2021).

De acordo com Peixoto, Santos e Balero (2021), é importante que a avaliação, a incluir o psicólogo, seja realizada o quanto antes, pois, quanto mais precoce a intervenção, mais se pode evitar agravamentos no estado do sujeito, maior a chance de uma intervenção eficaz (PEIXOTO; DOS SANTOS; BALERO, 2021).

O diagnóstico precoce e as intervenções realizadas em crianças com autismo podem interferir positivamente no prognóstico, influenciando na evolução do processo de aquisição da linguagem, gerando progresso adaptativo e no desenvolvimento da interação social, favorecendo assim, a funcionalidade e aumentando as chances de inserção nos âmbitos sociais (ONZI; DE FIGUEIREDO GOMES, 2015).

Posterior ao diagnóstico inicia-se a busca pelo tratamento adequado. Embora o TEA, seja um transtorno crônico, conta com esquemas de tratamento que devem ser introduzidos e aplicados por uma equipe multidisciplinar, envolvendo a intervenção de médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, fisioterapeutas, terapeutas

ocupacionais entre outros. O tratamento tem como objetivo, atenuar os déficits apresentados, de forma que favoreça a funcionalidade, de forma individualizada, pois algumas intervenções se fazem mais eficazes do que outras, dependendo do nível de sintomas e necessidade de apoio de cada autista (ONZI; DE FIGUEIREDO GOMES, 2015).

Dentre as diferentes formas de tratamento do TEA, está a terapia com animais, uma vez que eles estão cada vez mais presentes nas famílias da atualidade, sendo, não apenas, uma forma de os indivíduos se sentirem protegidos, mas também proporcionando companheirismo e afeto (BAMPI, 2021). O cotidiano de cada indivíduo possui diferentes funcionalidades, onde cada ser humano possui uma maneira de viver, levando em consideração suas interações, crenças, valores, significados, símbolos e imagens que ajudam no seu processo de viver. Levando isso em consideração, a Terapia Assistida por Animais surge como uma possibilidade de cuidado e melhora na saúde da criança com TEA (POTRICH *et al.*, 2021).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) originou-se na Inglaterra em 1792, e foi padronizada mundialmente com procedimentos claros e benefícios identificáveis, principalmente quando utilizada junto a outros tratamentos. No Brasil, a pioneira dos estudos envolvendo terapia com animais foi a Dra. Nise da Silveira, que operou a terapia com cães e gatos, baseando-se no fato dos humanos e animais se vincularem de forma natural (BAMPI, 2021). Os animais, de forma abrangente, estão sendo cada vez mais empregados como cooperantes no tratamento de pacientes crianças e adultos com diagnósticos variados (LIMA; SOUZA, 2018).

Atualmente, estudos demonstram que o contato com animais minimiza o estresse e ansiedade em indivíduos, reduzindo também os riscos de problemas de saúde, atuando como um fator de proteção (BATTIROLA *et al.*, 2022). A inserção do animal no convívio de crianças com autismo possibilita a evolução social delas, melhorando a saúde, bem-estar, confiança, responsabilidade, autonomia. A relação entre animal e criança proporciona o aprendizado de vivências pró-sociais, visto que os animais são uma forma de afeto (DOS SANTOS GOMES *et al.*, 2020).

A TAA se caracteriza como um processo terapêutico que necessita de um planejamento eficiente para obter os objetivos pré-estabelecidos, dentro de um ambiente verificado, sendo necessário atenção ao processo, observar e documentar o que está ocorrendo. No ano de 2018, ocorreu a criação de uma nova lei permitindo a entrada de animais em ambiente hospitalar, sob a permissão da administração do local e médico

responsável (RUI; OLIVEIRA, 2020). A terapia deve ser efetuada por profissionais de saúde, treinados e capacitados para a inserção do animal no processo terapêutico. Além disso, os animais também são treinados e devem atender a critérios necessários, como adestramento, higienização e estar em condições aceitáveis de saúde, além de acompanhamento veterinário para garantir suas vacinas e vermifugação (BAMBI, 2021).

Para dar início aos atendimentos e concretização dos objetivos da TAA se faz imprescindível ter conhecimento sobre o paciente, entender todo o seu histórico de vida, já que aqueles com medo extremo de animais ou indivíduos com alergias não são indicados para a terapia que se desenvolvem com animais. O primeiro contato com o paciente precisa ser dinâmico e funcional, tendo as técnicas e suporte de materiais a preceito de cada profissional. Ao trabalhar com crianças, é prudente que o contato inicial seja com membros da família, a fim de conhecer mais sobre o paciente antes do contato com o animal (BAMPI, 2021).

Dentre os profissionais inseridos nessa atuação estão psicólogos, fonoaudiólogos, enfermeiros e médicos, que buscam auxiliar a criança em seu desenvolvimento, além de conhecer o histórico do paciente, assim tendo conhecimento para identificar se a presença do animal será aversiva ou não. Os animais comumente selecionados para a TAA são cães, gatos, coelhos, cavalos, jabutis, golfinhos, entre outras espécies. Os cães são mais bem aceitos para a terapia, já que possuem vínculos históricos com o ser humano (RODRIGUES *et al.*, 2021; BAMPI, 2021). A TAA também possui nomes específicos e direcionados, como por exemplo a cinoterapia e equoterapia, sendo, respectivamente, a terapia com cães e com cavalos trabalhando como coterapeutas (LIMA; SOUZA, 2018).

No que se refere a equoterapia, de acordo com a lei decretada no ano de 2019, é necessário que haja acompanhamento por uma equipe multidisciplinar, possuindo ao menos psicólogo, fisioterapeuta e o profissional de equitação, responsável por treinar o animal. Dentro desse cenário, cada indivíduo requer adaptações e supervisão assídua, por meio de folhas de registros e prontuários atualizados. O ambiente deve ser seguro, proporcionando o bem-estar do paciente, o cavalo deve ser treinado apenas para a finalidade da equoterapia, utilizando também equipamentos de segurança e uma equipe médica a disposição (RUI; OLIVEIRA, 2020).

A TAA como método de intervenção, consiste em diferentes funcionalidades diárias, atuando desde o momento em que a criança leva o animal para passear no jardim, até na realização da escovação dentária e escovação dos pelos, passagem por

dentro de túnel e obstáculos. Além disso, também é estimulada a visão e contato visual do paciente, através da alimentação direta do cão ou jogos interativos com petiscos. Como resultado da terapia com o cão, as crianças se apresentam mais atentas perante as atividades executadas, demonstrando relaxamento (NUNES *et al.*, 2015). A TAA auxilia também no desenvolvimento sensorial e psicomotor, além de contribuir para a progressão em partes mentais, físicas e emocionais. Além disso, possibilita o aprendizado do paciente em outras atividades e comportamentos, sendo capaz de ampliar e evoluir em suas tarefas do dia a dia, trabalhando em sua autonomia e cuidados (BAMPI, 2021).

O número de diagnósticos de TEA tem crescido significativamente nos últimos anos, justificado pelo maior conhecimento científico, que leva a identificação de sintomas. O desenvolvimento global de crianças com Transtorno do Espectro Autista é de extrema importância, visando melhorar a autonomia, comunicação e independência dos autistas (DOS SANTOS GOMES *et al.*, 2020).

O presente estudo teve como objetivo geral identificar as contribuições da terapia realizada com animais como recurso terapêutico no tratamento de crianças com autismo, tal como o prognóstico do desenvolvimento a partir do contato com os animais, esclarecendo os principais aspectos do espectro autista e esclarecendo as habilidades de interação social e comportamento afetivo que as crianças autistas desenvolvem a partir desse contato.

MÉTODO

TIPO DE PESQUISA

O presente artigo trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter integrativo, proporcionando síntese do conhecimento acerca do tema animais como recursos terapêuticos no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

O método de pesquisa adotado consiste na sistematização de materiais já elaborados sobre o assunto, permitindo assim, acesso amplo sobre o fenômeno estudado (GIL, 2008).

Para execução deste trabalho foram adotadas as seguintes etapas metodológicas preconizadas pela literatura: definição de questões norteadoras; seleção dos artigos conforme critérios estabelecidos; leitura minuciosa dos artigos selecionados para posterior apresentação e discussão dos resultados.

PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Para a elaboração da pesquisa, inicialmente foi realizada uma ampla busca por assuntos relacionados ao autismo e ao uso de animais como recurso terapêutico.

As buscas foram realizadas nas bases de dados Google Acadêmico, *Scielo* e *Pepsic* utilizando-se as palavras chaves: autismo; terapia; animais. Foi utilizada também, na plataforma Google Acadêmico a expressão “terapia assistida por animais em autistas” para que a pesquisa considerasse de forma ampla as intervenções relacionadas a esse tratamento.

Os critérios de inclusão estabelecidos para a seleção dos artigos foram: artigos em português que estivessem disponíveis na íntegra e retratassem o tema; artigos publicados e indexados nas referidas bases de dados nos últimos dez anos, ou seja, de 2011 a 2021.

Ao realizar a busca utilizando as combinações de palavras-chaves, foi possível perceber uma redução sobre a quantidade de artigos encontrados. Dessa forma, foi necessário utilizar artigos da plataforma Google Acadêmico por meio da expressão “Terapia assistida por animais em autistas” para ampliar e considerar os demais assuntos relacionados à pesquisa. Portanto, a pesquisa efetuada na plataforma Google Acadêmico com a expressão “Terapia assistida por animais em autistas” apresentou o resultado de 2.630 artigos.

Aplicando-se os critérios de exclusão por anos de publicação anteriores a 2011, publicados em língua estrangeira ou artigos com assuntos diferentes ao tema abordado no presente trabalho, foram selecionados ao todo 12 estudos.

Os artigos selecionados foram lidos integralmente e analisados. Para os resultados e discussões foram estabelecidas 03 categorias: caracterização do autismo, comportamento afetivo e interação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da sistematização dos artigos, após aplicação dos critérios de exclusão, foram selecionados 12 artigos, sendo 01 artigo publicado no ano de 2012, 01 em 2017, 01 em 2018, 02 artigos publicados em 2019, 04 artigos em 2020 e 03 estudos em 2021, demonstrando um crescente e atual interesse sobre o assunto.

Na caracterização dos artigos, nota-se que 05 eram de revisões bibliográficas, 01 revisão integrativa, 01 revisão sistemática e 05 de estudo de caso. É importante ressaltar, que dentro do recorte temporal houve um número maior de publicações relacionadas ao assunto no ano de 2020.

Tabela 1: Base de dados online consultadas para levantamento de literatura, palavras-chave utilizadas, quantidade de artigos encontrados e quantidade de artigos selecionados para o trabalho.

Base de dados consultada	Palavras chaves	Nº de artigos encontrados	Nº de artigos selecionados
<i>Scielo</i>	Autismo	130	1
Google Acadêmico	Autismo AND animais and TAA	320	10
Pepsic	TEA and terapia assistida por animais	1	1

Fonte: Autoras.

CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO

O TEA é caracterizado por um distúrbio global do desenvolvimento que possui alterações marcantes e precoces na comunicação, socialização e cognição, sinalizando também questões que se tornam barreiras, como a participação em atividades educacionais, lúdicas e cotidianas. Os sintomas iniciais, geralmente, são percebidos nos primeiros três anos de vida da criança e, dependendo do grau do transtorno, o diagnóstico pode ser concluído nessa mesma faixa etária (DOS SANTOS; GARDENGHI, 2019).

As crianças com TEA são sensibilizadas em algumas esferas da vida, sendo elas, a área social, a linguagem e comunicação, além do comportamento e pensamento. Com a área social sendo afetada, a criança apresenta dificuldades em interagir, unir-se a algum grupo, entender regras, ausência e/ou pouco contato visual. Além do mais, tais características causam isolamento e comportamentos julgados como “estranhos” com relação a aproximação de outro indivíduo (BAMPI, 2014).

De acordo com o DSM-5, o Transtorno do Espectro Autista possui prevalência em pessoas do sexo masculino, podendo ser reconhecido logo nos primeiros anos de desenvolvimento. Contudo, os casos mais graves e notórios, podem ser identificados até mesmo antes de a criança completar um ano de idade, todavia, casos mais brandos podem ser percebidos após os dois anos de idade (SILVA; LIMA; SALLES, 2018).

As crianças com TEA apresentam dificuldades neurológicas, entre níveis que podem variar de forma mais leves até os mais graves, acarretando obstáculos para as

atividades educacionais, cotidianas e lúdicas. Com isso, podem-se identificar barreiras comportamentais, comunicacionais e interacionais que fazem parte do processo de intervenção da terapia assistida, a qual auxilia nesse âmbito de desenvolvimento das crianças (DE SOUZA; VOOS, 2021).

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é realizado de forma clínica, sendo possível construí-lo com base em observação direta do comportamento, entrevista com pais ou responsáveis para entendimento e confirmação das suspeitas. Os pais ou responsáveis são, geralmente, quem reconhecem as manifestações clínicas e padrões de comportamento específicos do autismo em suas crianças, sendo essa percepção ativa muito importante para a conclusão do diagnóstico precoce (BATISTA; ARAÚJO, 2019). Segundo o DSM-5 (APA, 2014), os aspectos primordiais para o diagnóstico são os prejuízos na interação com outros indivíduos, para manter e compreender os relacionamentos. Além da comunicação verbal e não verbal para a interação social, restrições de interesses e atividades, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento (BAMPI, 2021).

Os indivíduos que possuem o diagnóstico de TEA são categorizados em níveis de suporte necessários. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), os níveis de gravidade se dividem em três níveis: nível 1 “exigindo apoio” é a forma mais leve do espectro, possuindo dificuldades nas interações sociais, respostas atípicas, dificuldades em mudar atividades; nível 2 “exigindo apoio substancial” é uma circunstância moderada, onde os déficits na comunicação social são mais graves, apresentam comportamentos restritivos e repetitivos com mais constância; nível 3 “exigindo apoio muito substancial” implica as manifestações mais graves em déficits nas habilidades de comunicação social, verbal e não verbal, grande limitação às interações sociais, dificuldades em mudar comportamentos, ações ou foco. Os níveis de apoio vinculados aos sujeitos com autismo podem influenciar no desenvolvimento de habilidades motoras adequadas à idade e na colaboração do exercício (BATISTA; ARAÚJO, 2019).

COMPORTAMENTO AFETIVO

O comportamento afetivo é uma habilidade que se caracteriza pela capacidade que o indivíduo tem de sentir um conjunto de fenômenos afetivos, como por exemplo, emoções, sentimentos e paixões (SILVA; LIMA; SALLES, 2018). A partir das pesquisas realizadas, identificou-se que indivíduos com TEA sofrem acentuada perda sobre tal

afetividade, o que faz com que no senso comum, eles sejam vistos como pessoas “frias” (BAMPI, 2021).

A relação afetiva configura uma parte excepcional para o desenvolvimento do ser humano, trazendo contribuições relevantes para o entendimento do quadro do Transtorno do Espectro Autista, já que há uma grande dificuldade na criação de vínculos emocionais e afetivos (SILVA; LIMA; SALLES, 2018).

Estudos demonstraram que as crianças após a exposição a TAA ficam mais atentas ao seu meio e sorridentes, evidenciando importantes respostas emocionais, que favorecem o desenvolvimento afetivo (BAMPI, 2021). A justificativa para tal evolução, está relacionada ao fato do animal ser comparado a um “brinquedo vivo”, o que propicia a capacidade de interação e resposta ao paciente. Ademais, os cães são a representatividade da afetividade, já que não realizam julgamentos e possuem amor incondicional, sendo sua presença no setting terapêutico um auxílio para que a criança demonstre suas emoções e sentimentos (BAMPI, 2021).

O animal, seja ele de apenas de estimação ou utilizado também como recurso terapêutico, pode gerar uma série de sentimentos no ser humano, como empatia, sensação de bem-estar, amor, afeto. Com isso, esse vínculo estabelecido associado à prática da TAA pode auxiliar na diminuição da ansiedade, sintomas depressão e isolamento. Além do mais, acariciar, pentear e jogar bola para o cão, por exemplo, caracterizam exercícios de coordenação motora, o que influencia na habilidade motora, como também diminuição do estresse, pressão arterial e na melhora o comportamento social (GONÇALVES; GOMES, 2017).

Pesquisas demonstram que as intervenções realizadas nesse contexto da TAA aumentaram a interação social de crianças com TEA por meio da aquisição do comportamento com o reforço de regras sociais, tal como a saudação e a despedida, a imitação de gestos, a reciprocidade emocional e a expressão de sentimentos e emoções (NOGUEIRA *et al*, 2020).

As crianças com TEA possuem mais facilidade para interagir com animais ao invés de pessoas, devido à inserção dos animais na vida cotidiana das crianças (BATISTA; ARAÚJO, 2019). Nessa conjuntura, a equoterapia suscita em um vínculo com o cavalo, na qual as crianças estabelecem uma relação ao alimentar o animal, tocar, acariciar, escovar seu pelo entre outros comportamentos (BATISTA; ARAÚJO, 2019). Ao ser inserida no ambiente da TAA, a criança analisa as atitudes dos indivíduos a sua volta, verifica a maneira que os profissionais tratam o animal e sentem que será tratada da

mesma forma, com atenção e afeto, reagindo de forma positiva ao procedimento (LIMA, 2020). Crianças e adolescentes com TEA vêm apresentando resultados satisfatórios em relação à TAA, pois o animal age como facilitador entre o paciente e o terapeuta, favorecendo a criação de vínculos, contribuindo para a diminuição dos movimentos estereotipados e, conseqüentemente, tornando a terapia mais eficaz (RUI; OLIVEIRA, 2020). Além disso, a interação entre cão e criança promove o desenvolvimento da afetividade, expressão de respostas emocionais, aumentando também as chances de comunicação (RUI; OLIVEIRA, 2020; DE SOUZA; VOOS, 2021).

A inserção de “pintinhos” no *setting* terapêutico apresentou ganhos também para os autistas participantes de um estudo, realizado em 2020, cujo objetivo foi relatar a terapia assistida por animais utilizando as aves no tratamento de crianças atendidas pelo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da Prefeitura Municipal de Uberlândia – PMU. Dentre os encontros estipulados, os participantes autistas eram encorajados a desenvolver atividades relacionadas com as aves como, verbalizar falas relacionadas aos pintinhos, monitorar a intensidade dos movimentos ao segurar os animais, estar atento aos sons emitidos por elas, com a finalidade de criar maior aproximação entre psicóloga, animal e criança. Os resultados revelaram que as crianças mostraram interesse pelos animais, se comportando de maneira afetiva. Em adição, houve melhora no comportamento do paciente em casa, observando melhoras na relação familiar, curiosidade acerca do animal, expressão de sentimento, como sentir falta do contato com o animal o que resultou no interesse em ter um animal em casa também (DOS SANTOS *et al*, 2020).

Nesta categoria, vale destacar, que o comportamento afetivo teve seus resultados apresentados e discutidos em aproximadamente 58% dos artigos selecionados, corroborando sobre a importância dessa terapia no fortalecimento do afeto.

INTERAÇÃO SOCIAL

A interação social, é outro aspecto das habilidades sociais que aparece em cerca de 41% dos artigos. Essa característica se faz como um processo direcionado para as relações sociais e que se desenvolvem a partir das experiências sociais. Um estudo que comparou duas crianças, uma com autismo e a outra criança típica, demonstrou que a criança com autismo apresenta um perfil de interação semelhante à criança com desenvolvimento típico, indicando que as dificuldades do espectro não impedem

completamente a criança atípica de possuir comportamento de sociabilidade (CAMARGO; BOSA, 2012).

Com relação a equoterapia, ou seja, a TAA, especificamente o cavalo, possibilita a construção do vínculo, gerando confiança, de forma gradativa da criança pelo ambiente, bem como na relação entre cavalo, terapeuta e condutor (BATISTA; ARAÚJO, 2019). O contato com a equoterapia possibilitou observar que poucas crianças apresentam receio perante o animal, possibilitando a aceitação. Dessa forma, ocorre o contato social com os indivíduos envolvidos na terapia, gerando melhora nas relações sociais no contexto geral dessas crianças autistas (SILVA; LIMA; SALLES, 2018).

De acordo com Batista e Araújo (2019), o movimento do cavalo proporciona relaxamento na criança, amenizando os comportamentos agressivos e emocionais, relacionados à frustração e influenciando na tolerância a estímulos sensoriais. Essa interação estimula não apenas a comunicação, mas também o uso da linguagem das crianças autistas com outras pessoas, estimulando a capacidade de se relacionar socialmente, desenvolvendo a habilidade de estabelecer vínculos e afetividade (BATISTA; ARAÚJO, 2019).

Em decorrência da observação sobre a equoterapia, ocorreram benefícios nas perspectivas de relações sociais dos participantes da terapia, além de apresentar evolução no quadro de comunicação, avanços na motricidade global e fina, equilíbrio, organização corporal e psíquicas (RUI; OLIVEIRA, 2020).

Outro fator observado durante as sessões de TAA foi o fato de que as crianças se apresentavam com motivação baixa ao chegarem para as sessões e com baixa adesão perante as atividades sugeridas (BAMPI, 2021). Porém, ao incluir o cão no *setting* terapêutico, as crianças se demonstraram mais engajadas, interessadas e pacientes ao esperar o momento de intervenção do terapeuta durante a brincadeira. Ao serem acompanhadas durante a TAA, as crianças apresentavam maior interação social, simplesmente por ter a presença de um animal, além de estímulos e implementação de regras sociais durante os atendimentos, como o cumprimento ao chegar e a despedida ao finalizar a sessão (BAMPI, 2021).

Um estudo realizado com um garoto de doze anos diagnosticado com autismo demonstrou formas de intervenção relacionadas a TAA, especificamente o cachorro. A cinoterapia, realizada com o auxílio de cães, promoveu resultados eficientes, proporcionando evolução da autoestima e trabalhando a responsabilidade. O cão influencia as relações sociais de forma a promover o contato físico e verbal, propiciando a

melhora na qualidade de vida e desenvolvimento biopsicossocial (DOS SANTOS; GARDENGHI, 2019).

Outro animal utilizado na Terapia Assistida por Animais que apresentou resultados positivos, no que diz respeito a aspectos do comportamento familiar e social das crianças autistas, foram os filhos de galos e galinhas, chamados popularmente de “pintinhos”, que auxiliam no aprendizado e contribuem para uma melhor condição de vida, colaborando na interação dos pacientes com a sociedade, melhorando também a interação entre as crianças e seus familiares no ambiente familiar (DOS SANTOS *et al*, 2020).

Um estudo longitudinal, realizado durante seis anos com crianças autistas e com outras síndromes, que estavam em TAA, demonstrou que a TAA implica em melhorias na qualidade de vida e no tratamento dos pacientes, mesmo aqueles com transtornos diferentes. Além disso, esta prática trouxe estimulação à interação social entre as próprias crianças, auxiliando também na comunicação e no vínculo entre as crianças, o animal e terapeuta (RODRIGUES *et al.*, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os pontos observados na elaboração dessa pesquisa, pode-se concluir que a Terapia Assistida por Animais é capaz de promover efeitos pertinentes no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

A inserção do animal no *setting* terapêutico ocasiona resultados satisfatórios e eficazes no tratamento e no desenvolvimento das habilidades afetadas no transtorno espectro autista.

Foram identificados, ganhos e conquistas influenciados a partir da técnica estudada, tal como a melhora no comportamento agressivo, afetivo, melhor interação nos meios em que vive, desenvolvimento de habilidades motoras, comunicação e verbalização, concentração, diminuição de movimentos estereotipados e expressão de respostas emocionais.

Embora seja perceptível os benefícios e ganhos da Terapia Assistida por Animais para crianças com TEA, estudos ainda são incipientes e direcionados a públicos menores, sendo necessário realizar mais estudos com maior aprofundamento sobre o assunto.

Desse modo, conclui-se que existe contribuição da Terapia Assistida por Animais no âmbito das crianças com Transtorno do Espectro Autista. Entretanto, ressalta-se a importância de que estudos como esse continuem sendo realizados a fim de oportunizar a comunidade científica cada vez mais formas de entendimento acerca o tema, além de a

propriedade para realização de intervenções com intuito de cada vez mais auxiliarmos no entendimento e evolução do tema proposto.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

BAMPI, J. K. **A terapia assistida por animais e crianças com transtorno do espectro autista**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8517>> Acesso em: 20 de set. de 2022.

BATTIROLA, C. M. *et al.* Terapia Assistida por Animais (Taa) em Crianças Autistas. **TCC-Psicologia**, 2022. Disponível em: <<http://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1470/1399>> Acesso em: 11 de abril de 2022.

BATISTA, C. A. S.; ARAÚJO, J. K. M. **Benefícios da hipoterapia em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 2019. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/27590>> Acesso em: 22 de set. de 2022.

CATELLI, C. L. R. Q.; D'ANTINO, M. E. F.; BLASCOVI-ASSIS, S. M. Aspectos motores em indivíduos com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. **Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento**, v. 16, n. 1, p. 56-65, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100007> Acesso em: 11 de abril de 2022.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, p. 315-324, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/cJXjLQ4GKVsjN6J57VTyvBq/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 20 de set. de 2022.

COSTA, M. I. F. D.; NUNESMAIA, H. G. D. S. Diagnóstico genético e clínico do autismo infantil. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 56, p. 24-31, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anp/a/hp8PKPdgy34qZ93BBs4XfHm/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 13 de abril de 2022.

DA SILVA, A. L. Comportamento estereotipado no transtorno do espectro autista. **Desafios-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. 1, p. 96-108, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/7764>> Acesso em: 12 de abril de 2022.

DE CASTRO VIEIRA, A. AUTISMO: As características e a importância do diagnóstico precoce. 2019. 17 f. **Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso** - Centro Universitário Unifacig – Manhuaçu, 2019. Acesso em: 12 de nov. de 2022.

DESSEN, M. A.; ARANHA, M. S. F. Padrões de interação social nos contextos familiar e escolar: análise e reflexões sob a perspectiva do desenvolvimento. **Temas em Psicologia**, v. 2, n. 3, p. 73-90, 1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000300008> Acesso em: 13 de abril de 2022.

DE SOUZA, E. A.; VOOS, I. C. Analisando as habilidades comunicacionais em uma criança com Transtorno do Espectro Autista participante de intervenções assistidas por animais. **Cadernos do Aplicação**, v. 34, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/113855>> Acesso em: 18 de set. de 2022.

DOS SANTOS, A. B. L.; GARDENGHI, G. **O efeito da cinoterapia em pacientes autistas**. The effect of cinotherapy in autistic patients. 2019. Disponível em: <<https://ceafi.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/08/Efeito-da-cinoterapia-em-pacientes-autista.pdf>> Acesso em: 22 de set. de 2022.

DOS SANTOS, R. F. *et al.* Terapia Assistida por Animais (TAA) em crianças com transtorno do espectro autista atendidas pelo Centro de Atenção Psicossocial. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e955998060-e955998060, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8060>> Acesso em: 20 de set. de 2022.

DOS SANTOS GOMES, E. *et al.* Desenvolvimento das habilidades sociais em crianças autistas que possuem contato com animais. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-ALAGOAS**, v. 6, n. 2, p. 101-101, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/7493>> Acesso em: 10 de abril de 2022.

DURANTE, J. C. Autismo: uma questão de identidade ou diferença. **Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) Dilemas e desafios na contemporaneidade**. Disponível em: <https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/DURANTE_JULIANA_CAU.pdf> Acesso em 16 de abril de 2022, v. 10, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GONÇALVES, J. O.; GOMES, F. G. C. Animais que curam: a terapia assistida por animais. **Uningá Review**, v. 29, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1907>> Acesso em: 18 de set. de 2022.

LAVOR, M. D. L. S. S. *et al.* O autismo: aspectos genéticos e seus biomarcadores: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3274-3289, 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/24948>> Acesso em: 15 de abril de 2022.

LIMA, A. L.; SOUZA, M. B. Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 12, n. 10, p. 224-241, 2018. Disponível em: <

<https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/880>> Acesso em: 10 de nov. de 2022.

LIMA, R. C. de. **Terapia assistida por animais: um levantamento histórico e suas contribuições em crianças com transtorno do espectro autista**. 2020. Tese de Doutorado. Acesso em: 22 de set. de 2022.

MURARI, S. C.; MICHELETTO, N. Avaliação de comportamentos em puericultura para identificação precoce do transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 3, p. 54-72, 2018. Disponível em: <<http://rbtcc.webhostusp.sti.usp.br/index.php/RBTCC/article/view/1213>> Acesso em: 15 de abril de 2022.

NOGUEIRA, M. T. D. *et al.* Terapia Assistida Por Animais Como Estratégia Pedagógica Para Crianças Que Apresentam O Transtorno Do Espectro Autista. **Revista GepesVida**, v. 5, n. 13, 2020. Disponível em: <<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/368>> Acesso em: 20 de set de 2022.

NUNES, N. K. *et al.* **Atividade assistida por cães junto a crianças autistas**, 2015. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2015/CA_04445.pdf> Acesso em: 15 de abril de 2022.

ONZI, F. Z.; DE FIGUEIREDO GOMES, R. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://www.meep.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979>> Acesso em: 15 de abr. de 2022.

PEIXOTO, B. G.; DOS SANTOS, L. T. B.; BALERO, P. F. D. S. **A avaliação neuropsicológica como fator de prognóstico do tea**. 2021. Disponível em: <<http://45.4.96.19/bitstream/aee/18681/1/A%20AVALIA%20NEUROPSICOL%20COMO%20FATOR%20DE%20PROGN%20STICO%20DO%20TEA.pdf>> Acesso em: 12 de abril de 2022.

POTRICH, T. *et al.* Programa de intervenções assistidas por animais para crianças com transtorno do espectro autista. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 7, p. e20153, 2021. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3882/388269408011/388269408011.pdf>> Acesso em: 11 de nov. de 2022.

RODRIGUES, N. J. L. *et al.* Benefícios da pet terapia: a interação entre os animais e as crianças. **Veterinária e Zootecnia**, v. 28, p. 1-12, 2021. Disponível em: <<https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/view/516>> Acesso em: 20 de set. de 2022.

RUI, G. A.; OLIVEIRA, J. T. de. **Terapia assistida por animais e psicologia: um estudo de revisão bibliográfica**. 2020. Disponível em: <<https://www.verdiardesia.com/areadidattica/terapia-assistida-por-animais-brasile.pdf>> Acesso em: 21 de set. de 2022.

SANCHES, T. T. B.; DA SILVA TAVEIRA, L. Autismo: uma revisão bibliográfica. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 18, 2020. Disponível em:

<<https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1356>> Acesso em: 13 de nov. de 2022.

SILVA, A. S. M.; LIMA, F. P. S.; SALLES, R. J. Vínculo afetivo de crianças autistas na equoterapia: uma contribuição de Winnicott. **Boletim-Academia Paulista de Psicologia**, v. 38, n. 95, p. 238-250, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000200011> Acesso em: 20 de set. de 2022.